

"A HUMANIZAÇÃO DA PESSOA TRANS É A NOSSA GRANDE BANDEIRA. NÓS QUEREMOS SER PRIMEIRO VALORIZADOS COMO SERES HUMANOS. A INCLUSÃO SOCIAL É FUNDAMENTAL PARA DERRUBAR PRECONCEITOS E ESTIGMAS."

LUISA DO PRADO - INTEGRANTE DO MOVIMENTO LGBT LIBERDADE, DE BLUMENAU
ASSUMIR UM NOVO GÊNERO AINDA É DESAFIO
PÁGINAS 4 E 5

"NÃO HÁ COMO DESCONHECER QUE INFELIZMENTE, NA FURB, A GESTÃO AINDA É UM ESPAÇO PREDOMINANTEMENTE MASCULINO, ESPECIALMENTE EM ALGUNS CARGOS DA GESTÃO SUPERIOR(...) ESTE É MAIS UM DESAFIO A SER ENFRENTADO, ENTRE OUTROS TANTOS."

GRISELDES FREDEL BOOS- ENGENHEIRA QUÍMICA E EX VICE-REITORA DA FURB
INVISIBILIDADE FEMININA NA FURB
PÁGINA 8

"A ACESSIBILIDADE A FURB PERMANECE MUITO PRECÁRIA. A DIFICULDADE DOS ESTUDANTES DE OUTRAS CIDADES OU DE BAIRROS MAIS DISTANTES DE CHEGAR A FURB AFETA A ROTINA ACADÊMICA"

MARCOS MATTEDI - PROFESSOR DR EM CIÊNCIAS SOCIAIS
LADO B - PÁGINA 16

CAMPANHA SALARIAL DOS SERVIDORES

PELA REPOSIÇÃO DAS PERDAS HISTÓRICAS DE 7,87% (2000 A 2015/16).
REPOSIÇÃO DO ANUÊNIO DOS ANOS DE 2007/2008 NÃO RETROATIVO.
ISONOMIA DO ESTABELECIMENTO DO PERÍODO DE FÉRIAS COLETIVAS.
EM DEFESA DOS DIREITOS JÁ CONQUISTADOS! NÃO A EXTINÇÃO DO ABONO PECUNIÁRIO.
CORRIGIR AS CONDIÇÕES DE TRABALHO INADEQUADAS, PERIGOSAS E INSALUBRES NOS DIVERSOS CAMPUS DA FURB.
PELO VALE ALIMENTAÇÃO PROPORCIONAL! TODOS O SERVIDORES DO MUNICÍPIO RECEBEM. PORQUE A FURB NÃO?!
REGULARIZAÇÃO JÁ DA SITUAÇÃO DO REGIME DE TRABALHO NA FURB – DOCENTES DE TI-40 E TEMPO PARCIAL.
EQUIPAR AS CONDIÇÕES DAS LICENÇAS POR MOTIVO DE DOENÇA EM PESSOA DA FAMÍLIA
PÁGINAS 3 E 12

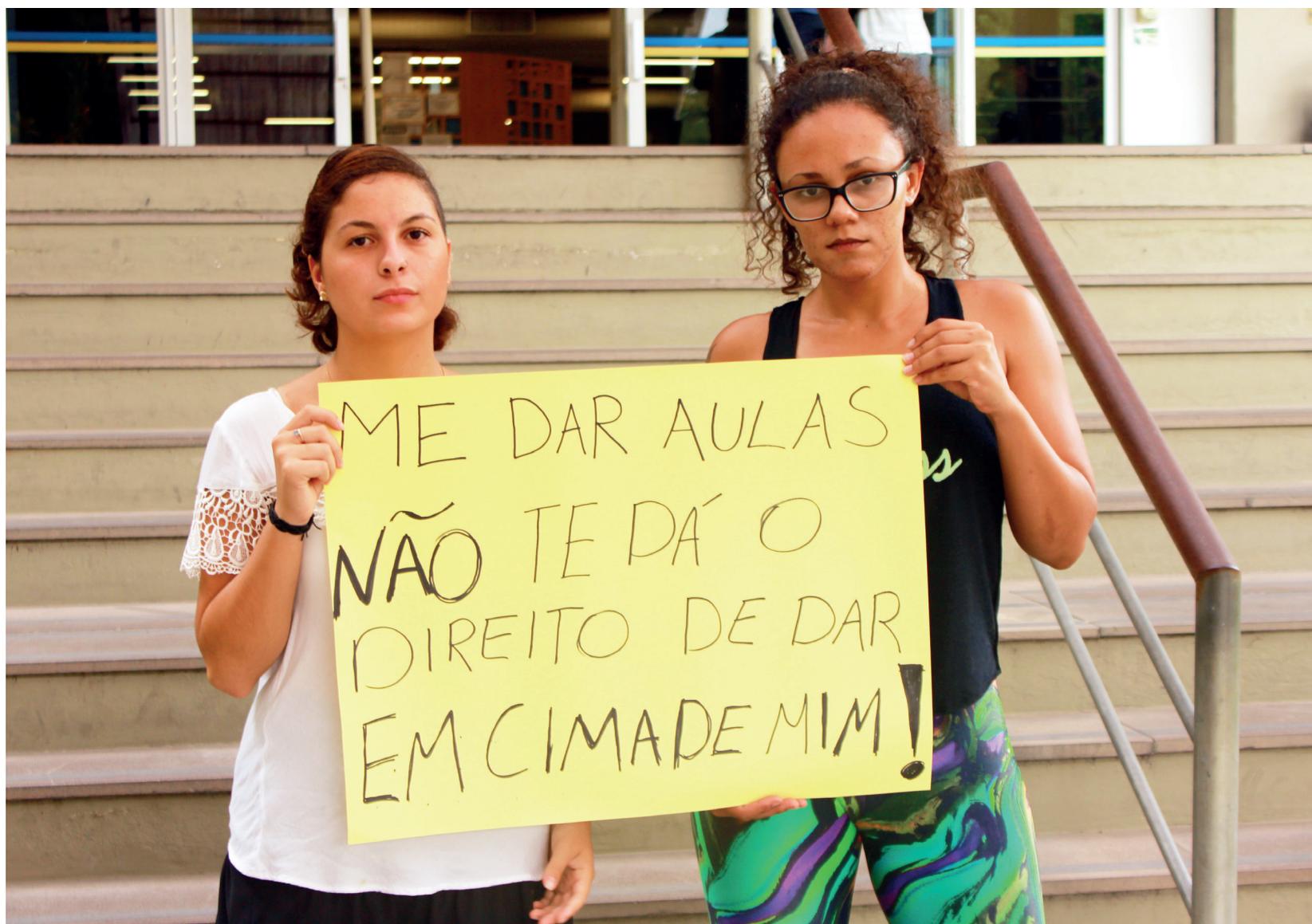


FOTO: MAGALI MOSER

MACHISMO NA FURB

ALUNAS PROTESTAM CONTRA ASSÉDIO NA UNIVERSIDADE. REPORTAGEM ESPECIAL RELEMBRA QUE EM MAIS DE 50 ANOS DE HISTÓRIA, A FURB TEVE APENAS SETE MULHERES EM CARGOS DE ALTA ESCALÃO. CONHEÇA AS MULHERES QUE ESTÃO NO COMANDO DE CENTROS

PÁGINAS 8, 9 E 10

OS TRINTA ANOS DO PLANO CRUZADO

Era 28 de fevereiro de 1986, o primeiro governo pós-redemocratização conhecido como “Nova República”, encabeçado pelo então Presidente José Sarney, que tomara posse em 1985, anunciava um novo plano econômico de estabilização chamado de Plano Cruzado. O plano incluía a adoção de uma nova moeda; o Cruzado, em substituição ao Cruzeiro Novo, e um pacote de outras medidas como congelamento da taxa de câmbio, preços e salários pela média dos últimos seis meses. Foi concedido um abono de 8% para todos os assalariados e um aumento de 16% para o salário mínimo. Os dissídios passariam a ser anuais, com correção inferior a 100% (de 60%) sobre a variação acumulada do custo de vida. Para evitar que os trabalhadores sofressem perdas, foi criado também um gatilho salarial, que garantia a correção imediata dos salários sempre que a inflação acumulasse 20%. A tentativa

de desindexar a economia acabou com as ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) – títulos com cláusula de correção monetária que tinham sido criados em 1964, sendo substituídas pelas OTN (Obrigações do Tesouro Nacional) congeladas por um ano. As cadernetas de poupança de rendimentos mensais passariam a pagar rendimentos trimestrais. As dívidas mais curtas, como prestações feitas no comércio, incluíam uma inflação esperada que à época do anúncio do plano chegou a 400% ao ano. Para corrigir isso, foi criada uma “tablita”, espécie de tabela com fator de correção que visava expurgar dos valores das dívidas a inflação projetada. O Plano Cruzado foi o primeiro de uma série de planos denominados “heterodoxos” que foram tentados nos anos que se seguiriam. Um dos acontecimentos que mais marcou o plano foi o bisonho controle de preços por tabelas expedidas pela extinta SUNAB –

Superintendência Nacional de Abastecimento e Preços, uma herança do antigo regime militar, que mobilizou toda uma parte da população que acreditou na eficácia do plano, “Os(As) fiscais do Sarney”. Quem aumentasse os preços da tabela ou não ofertasse os produtos era multado e denunciado, incorrendo em “crime contra a economia popular”. As tabelas nunca conseguiram congelar e controlar todos os preços, pois se baseavam em materiais básicos e bens industrializados, como por exemplo, um sabonete marca “tal” – sem que se monitorasse os insumos e toda a cadeia de for-

necimento. Fatalmente, os produtos foram “sumindo das prateleiras”. Depois de um sucesso inicial estrondoso, o que se assistiu foi a um grotesco show de iniquidades e equívocos sobre os verdadeiros problemas da hiperinflação reinante na época, que assolavam também diversos países da região. A tese central no Brasil desse plano era a existência de uma “inflação inercial”, a ideia de uma memória inflacionária, onde o índice atual é a inflação passada mais a expectativa futura. A inflação se mantém no mesmo patamar sem aceleração inflacionária e é decorrente de mecanismos de indexação. As causas eram estruturais desde a existência de oligopólios e monopólios e de “seguidores” dos aumentos dos preços. A imensa massa monetária que aumentava no período não era vista como causa, mas apenas uma acomodação do aumento de preços. Não se via a questão do desequilíbrio fiscal, que piorou abruptamente durante o primeiro ano de sua vigência fazendo cair por terra toda a concepção inicial do plano. Era um Brasil muito diferente nessa época. Não tínhamos internet ou celulares e a revolução microeletrônica começava a acontecer. O mundo estava ainda separado pelos blocos da Guerra Fria, a União Soviética ainda existia e as Alemanhas ainda estavam divididas. A República Popular da China era muito pobre, mas já começava a conceber suas mudanças para um socialismo de mercado, meio assim do jeito deles, mas com profundos impactos para a divisão das forças geopolíticas econômicas que se seguiriam. Se o mundo mudou muito e o Brasil também, nós, no entanto, mudamos menos do que os outros em vários aspectos. Algumas semelhanças e diferenças nos dois contextos do passado e presente. Continuamos uma economia “fechada” comparativamente, enxergando ameaças de fora que se encontram aqui mesmo. A dívida pública interna era pequena – (1947 a 1982) era menos de 10% do PIB, sobe para 30% em 1986 e hoje caminha rápido para além dos 60%. Era a Dívida Externa o grande problema, hoje ela é irrelevante. A classe política tinha muito mais credibilidade do que hoje, tinha o bônus de ser a primeira que tomava a rédeas do país em dificuldades depois da crise de 1981 e 1983, dois anos alternados de crescimento negativo com inflação alta e desemprego. Hoje temos dois anos consecutivos de crescimento negativo e inflação moderada (alta para os padrões atuais). A carga tributária em 1986 vinha de uma média em torno de 25%, desde 1968. Era de 18% em 1964 e 14%, em 1947. Desde 1992 até 2013 sobe dos 25% para 36,42%. Não é alta para os padrões de países desenvolvidos, mas o sistema é complexo e incerto para os padrões dos países emergentes. O Estado tinha menos responsabilidades sociais antes da Constituição Federal de 1988 e era menos comprometido no combate à desigualdade de renda. Estamos, enfim, em 2016, novamente atrás de um novo plano, em outro ambiente, para sair da barafunda em que estamos metidos.

“

Continuamos uma economia “fechada” comparativamente, enxergando ameaças de fora que se encontram aqui mesmo. A dívida pública interna era pequena – (1947 a 1982) era menos de 10% do PIB, sobe para 30% em 1986 e hoje caminha rápido

MEMÓRIA UNIVERSITÁRIA

Este é um espaço criado com a intenção de recuperar, através de imagens, momentos importantes na trajetória da universidade. A iniciativa é fruto de uma parceria com Centro de Memória Universitária (CMU/FURB), destinado à preservação da história da universidade e ao tratamento da documentação produzida e recebida pela FURB. Você também pode participar! Se tiver fotos antigas da FURB, entre em contato conosco: sinsepes@furb.br

Festejos da instalação oficial da universidade.

Data: 07/02/1986

Acervo: Centro de Memória Universitária-CMU/Arquivo da FURB



PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC), **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT), **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA), **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF), **Diretora de Cultura e Cuidados com a Saúde:** -, **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), **Diretora de Assuntos Jurídicos:** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)
Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

Jornalista responsável: Marcela Cornelli - MTB 00921/SC JP

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





INTERNAS

SEMINÁRIO INTERNACIONAL NA COSTA RICA TEM APOIO DA FURB

Entre os dias 20 e 22 de julho estão marcados o III Seminário Internacional Culturas e Desenvolvimento (SICDES, projeto iniciado na FURB, em 2009, vinculado ao PPGDR), o III Encontro da Rede de Interculturalidade, o IV Encontro da Rede de Trabalho com Povos Indígenas e o IV Encontro Sociedades em Transformação, na cidade de Herédia, na Costa Rica. Com o tema "Territórios, Culturas e Bem-Viver: desafios a partir das identidades e saberes diversos", o evento é organizado de forma colaborativa entre a Universidade Regional de Blumenau, Universidade Nacional de Costa Rica, Universidade de Costa Rica, Universidade Estatal a Distância, Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Centro Dominicano de Investigação e Associação dos Professores de Ensino Religioso do Estado de Santa Catarina, com o apoio de diversas outras instituições latino-centro-americanas. Mais informações no site <http://gpead.org/sicdes2015/>.

BIBLIOTECA INCENTIVA AÇÕES CULTURAIS

Atenta às inovações exigidas pelas bibliotecas em todo o mundo, a Biblioteca Central da FURB se adapta às mudanças e investe na programação cultural para incentivar o uso e a ocupação do espaço. Além do Cine SESC, organizado pela Divisão de Cultura da FURB, que este mês vai homenagear o cineasta japonês Akira Kurosawa (mais informações em Curtas, na página 14), a biblioteca vai ser sede também, em março, da exposição Recre Ação Recri, (também organizada pela Divisão de Cultura) cuja abertura está marcada para o dia 22, às 20h. Uma outra atividade cultural programada é alusiva ao Dia Internacional da Mulher, em 8 de março: Uma roda de conversa está sendo preparada para o dia 10 de março, quinta-feira, a partir das 20h, no Salão Angelim, com o tema: "Vamos falar de assédio?". O evento conta com o apoio do Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana, de Blumenau.

DIA DA MULHER TEM EVENTO DO SINSEPE COM CCHC

Pela primeira vez o Sindicato dos Servidores da FURB se une ao Centro de Ciências Humanas e da Comunicação (CCHC) para promover uma atividade em alusão ao Dia Internacional da Mulher, em 8 de março na universidade. O evento conta ainda com a participação do recém criado Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual. O debate terá abertura musical com apresentação da aluna do curso de Música da FURB, Luana Berti. O evento será terça-feira, 8 de março, a partir das 19h, no auditório do Bloco J. A atividade no Dia da Mulher é uma tradição no calendário do SINSEPE.

SERVIDORES DA FURB EM CAMPANHA SALARIAL

A Campanha Salarial dos Servidores da FURB ganha força! Após duas assembleias, a categoria decidiu pela primeira vez unir em uma única cláusula as reivindicações referentes ao percentual de reajuste reivindicado. A perda econômica acumulada somada à inflação do período ficou em torno de 19%, sendo que a previsão da inflação é de 10.43% no período de março de 2015 a fevereiro de 2016. (Veja detalhes na pauta de reivindicações, na página 12). A discussão sobre as cláusulas sociais igualmente ganharam destaque no programa. Ehmke falou sobre a luta em torno de direitos para igualar a categoria às conquistas dos servidores da prefeitura. Assuntos como férias coletivas, abono pecuniário e vale-refeição são temas que estiveram no centro da pauta. O assunto foi tema do Cidadania em Debate, o programa do SINSEPE na FURB TV, dia 22 de fevereiro e está disponível no YouTube, no canal do Sindicato. O presidente do SINSEPE, Ralf Marcos Ehmke, falou sobre a mobilização e as principais reivindicações da pauta a partir das 19h30min na FURB TV. O programa ainda contemplou o debate sobre as condições de trabalho nos regimes de Tempo Integral (TI) e Tempo Parcial-Horista (TPH) e a falta de discussão sobre o modelo que propõe o fim da estrutura departamental na FURB.



FOTO: MAGALI MOSER

CIDADANIA EM DEBATE ELOGIADO PELO NEAB/UDESC

O Cidadania em Debate, o programa semanal do SINSEPE na Furb TV, exibido todas as segundas-feiras, a partir das 19h30min, foi elogiado e reconhecido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da Universidade do Estado de Santa Catarina (Neab/Udesc) como um programa voltado para discussão social e espaço para as minorias. Por conta deste reconhecimento, há intenção de usar o programa de Blumenau como modelo para desenvolver um programa semelhante também em Florianópolis. A manifestação sobre o Cidadania foi do coordenador do Neab/Udesc e presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), Paulino Cardoso, que demonstra interesse em fazer um programa de televisão aos moldes do que é feito na Furb TV. Para isso, foi solicitada uma orientação por parte do apresentador e diretor de comunicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau (SINSEPE), Carlos Alberto Silva.

Outro exemplo de estratégia de comunicação adotado pelo SINSEPE, e que pode servir de modelo para o Neab/Udesc, é o Jornal Expressão Universitária. "Precisamos de ferramentas de comunicação que atinja o público universitário e, principalmente, os estudantes negros e estes são dois bons modelos", disse Cardoso.

O apresentador do Cidadania em Debate e diretor do Sinsepe se dispôs a colaborar na organização de um programa de televisão do Neab da Udesc. A troca de experiências foi sugerida durante participação de Carlos Silva no trabalho de planejamento daquele núcleo, em Florianópolis, no dia 15 de fevereiro, antes do início do ano letivo.

SITUAÇÃO FISCAL DA PREFEITURA DE BLUMENAU PREOCUPA O ISSBLU

Blumenau nessa década registrou aumento real constante da receita corrente. No caso apenas da prefeitura, isso também é verdade, mas em 2015 a situação se inverteu. O Portal da Transparência registrou ano passado apenas o aumento nominal de 4% da receita corrente, que descontada a inflação média, resulta em uma queda real de pouco mais de - 6%. No final do ano, o ISSBLU - Instituto Municipal de Seguridade Social do Servidor de Blumenau - deixou de receber da Prefeitura e do Fundo Municipal de Saúde as contribuições patronal e especial sobre a folha de pagamento de novembro, dezembro e 13º salário. Em janeiro desse ano, as contribuições foram parcialmente retomadas, exceto a contribuição especial da Prefeitura e a parte patronal do Fundo Municipal de Saúde. Os débitos, dessa vez, passam dos R\$ 12 milhões. O ISSBLU, de acordo com a legislação, notificará os entes públicos que deverão expor a situação e apresentar um possível pedido de parcelamento em reunião ordinária. A situação é preocupante, pois será o segundo pedido de parcelamento da prefeitura em menos de seis meses.



FOTO: ARQUIVO

ASSUMIR UM NOVO GÊNERO AINDA É DESAFIO

Grupo LGBT Liberdade de Blumenau acolhe denúncias de preconceito e estimula o empoderamento da comunidade transexual na região para superar a discriminação

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

Alice Alves Machado procurou atendimento médico no Ambulatório Geral do Centro, em Blumenau, para tratar uma alergia crônica no final do ano passado. Ela esperava para ser atendida quando foi chamada pelo nome de nascimento. Ignorando a transição da paciente, a atendente resistiu após o pedido de Alice para ser chamada pelo nome social. Aos 23 anos, Alice não teve dúvidas da necessidade de buscar os próprios direitos após o episódio. O caso foi um dos comentados durante a primeira Conferência dos Direitos Humanos e das Políticas Públicas LGBT de Blumenau, em 24 de novembro de 2015. Também foi tema de reunião entre o Coletivo LGBT e

a secretária de Saúde do município, neste início de ano. A situação vivenciada por Alice expõe os obstáculos a serem enfrentados na luta pelo respeito aos transgêneros.

- Eu mostrava a lei para ela, uma portaria do SUS que existe desde 2009, mas ela insistia em me chamar pelo nome de nascimento. A enfermeira chefe foi transfóbica do começo ao fim da conversa. Embora não seja uma agressão física, é uma

agressão moral. Vitimiza muito. Qual é a pessoa trans que vai procurar atendimento assim? Ela me chamou de aberração. Foi uma violência comigo - desabafa Alice.

Alice sabe que a violência sofrida na pele não é exceção. Um levantamento feito pelo grupo *Transgender Europe* mostra que 51% (689) dos homicídios de pessoas trans na América Central e do Sul ocorreram no Brasil. Segundo o banco de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), atualizados diariamente no site Quem a homotransfobia matou hoje?, 318 LGBT foram assassinados

no Brasil em 2015: um crime de ódio a cada 27 horas - 52% gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais. A homofobia mata inclusive pessoas não LGBT: 7% de heterossexuais confundidos com gays e 1% de amantes de travestis. De acordo com pesquisa do IBGE de 2013, a expectativa de vida desse grupo social não passa dos 35 anos, menos da metade da média nacional de 74,9 anos da população em geral. Só nos primeiros 31 dias de 2016, segundo o grupo Quem a homotransfobia matou hoje?, pelo menos 30 pessoas da comunidade LGBT foram assassinadas, sendo nove delas trans.

Proporcionalmente, as travestis e transexuais são as mais vitimizadas: o risco de uma "trans" ser assassinada é 14 vezes maior que um gay. Segundo agências internacionais, mais da metade dos homicídios contra transexuais do mundo ocorrem no Brasil

Com a intenção de garantir visibilidade a esses casos, Alice se juntou ao Grupo Coletivo LGBT Liberdade de Blumenau. Alice identifica-se com a transexualidade desde a infância. Apesar de ter nascido com o sexo masculino, sempre foi voltada para a imagem da mulher. As modificações no próprio corpo ocorreram de forma inevitável. Aos sete anos, a mãe dela foi chamada na escola pela diretora, preocupada com o comportamento da aluna que naquela época convivia com apelidos como Xuxa, pelo cabelo ser loiro e "menininha". O episódio se repetiu por três vezes, e então a mãe de Alice percebeu que a filha não tinha nenhum problema. O chamado estava relacionado ao incômodo da direção.

As ameaças e violências não se restringiram aos tempos de infância. Alice se viu obrigada a abandonar a faculdade por ser vítima de transfobia, depois que colegas descobriram sua transexualidade e riscaram seu carro, além de puxarem seu cabelo dizendo que era de mentira. Apesar do histórico de vitimização, Alice tem esperanças de não ser violentada por assumir a identidade de gênero com a qual se identifica. No coletivo LGBT Liberdade ela encontrou forças e amigos para seguir na resistência. Uma delas foi Luisa do Prado, 28. Natural de Porto Alegre (RS), a turismóloga por formação está em Blume-

“

A humanização da pessoa trans é a nossa grande bandeira. Nós queremos ser primeiro valorizados como seres humanos. A inclusão social é fundamental para derrubar preconceitos e estigmas.

nau há oito anos.

“A humanização da pessoa trans é a nossa grande bandeira. Nós queremos ser primeiro valorizados como seres humanos. A inclusão social é fundamental para derrubar preconceitos e estigmas”, acredita Luisa.

Reconhecer a pessoa como ser humano e anular o rótulo da patologia, que insiste em ver a transexualidade como “transtorno sexual”, são desafios.

“A ideia que associa à patologia é resquício do século passado ainda”, argumenta Vinicius da Rocha Barros, 31 anos, ex-aluno do curso de Psicologia da FURB.

Um dos casos que explicita o estereótipo a ser superado ganhou repercussão em Blumenau em maio de 2012. Uma travesti teria cometido suicídio e foi encontrada morta pendurada no viaduto da Mafisa, em Blumenau.

“Quando descobriu-se que era uma travesti, perdeu-se a humanização. A reação das pessoas mudou a partir de então. Da comoção do primeiro impacto com a notí-

cia, para a desumanização de que aquilo não era pessoa”, lamenta Lenilso Silva, também integrante do LGBT Liberdade.

“A nossa existência ofende as pessoas. E elas se sentem no direito de estigmatizarem”, concorda Luisa.

“A violência da sociedade é tão grande que exige que a gente não seja trans”, finaliza Alice.

O Coletivo de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros de Blumenau - Liberdade busca promover ações cidadania e direitos para população LGBT. A Secretaria de Desenvolvimento Social promoveu no dia 24 de novembro a I Conferência Municipal de Políticas Públicas e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT).

A conferência LGBT contou com o apoio do coletivo “Grupo LGBT Liberdade”, e teve como tema “Por um Brasil que criminalize a violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros de Blumenau”. A proposta foi trabalhar na elaboração de diretrizes para a implementação de políticas voltadas à promoção dos direitos humanos e cidadania da população LGBT na cidade.

Além disso, busca diretamente o combate à discriminação, com propostas de políticas públicas em âmbito municipal estadual e federal para discutir formas de garantir os direitos humanos e a construção do plano municipal da temática.

“

Quando descobriu-se que era uma travesti, perdeu-se a humanização. A reação das pessoas mudou a partir de então. Da comoção do primeiro impacto com a notícia, para a desumanização de que aquilo não era pessoa.

FURB LANÇA NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Uma reunião em 18 de fevereiro marcou o lançamento e implementação do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual, pelo Centro de Ciências Humanas e da Comunicação (CCHC), da FURB. As próximas reuniões estão previstas para os dias 3, 17 e 31 de março às 16h30min, na sala S-109.

Nesta reunião foram definidos metodologias de trabalhos e algumas linhas de ação do grupo, sendo uma delas atuar na formação de professores da FURB. Também outros grupos marcaram presença para a formação de parcerias, como o Coletivo LGBT Liberdade e a Casa da Mãe Joana.

O diretor do CCHC, professor Dr.

Celso Kraemer, lembra que a FURB organiza há um ano a sua Política de Desenvolvimento de Ações Permanentes e Articuladas de Temas Transversais (PATT), através da Resolução 053/14. A definição contempla direitos humanos, gênero, educação ambiental, relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Já estão criados três núcleos, o NEAB (Temas Afro), o NEI (Temas Indígenas) e o NERI (Religiosidade e Interculturalidade).

No âmbito da Resolução, encontram-se como um dos princípios os direitos humanos e nele a igualdade de direitos e gênero. Por isso, surgiu a ideia de se implementar a política

no âmbito dos estudos de gênero e sexualidade.

As reuniões são abertas ao público em geral e buscam discutir as necessidades, a identidade do Núcleo sobre Gênero e Sexualidade, seus objetivos, a metodologia de funcionamento e estratégias do Núcleo.

“Mesmo sabendo da brevidade de tempo entre esse convite e a data da reunião, saliento a importância de fazê-lo nesse momento. Saliento também que o convite é aberto e extensivo a todas e todos que possam se motivar a participar de alguma forma do Núcleo”, afirma o diretor do CCHC.

Interessados podem entrar em contato pelo email: celsok@furb.br.

CENSURA NO CINEMA

Por pouco Florianópolis ficou de fora da esperada estreia brasileira do filme A Garota Dinamarquesa. As salas comerciais de cinema da capital catarinense optaram por não exibir o filme, o que gerou indignação nas redes sociais e entre ativistas.

O longa estreou dia 11 de fevereiro nas demais capitais brasileiras, mas até então não havia nenhum sinal de que iria chegar a Florianópolis. A Garota Dinamarquesa conta a história da pintora dinamarquesa Lili Elbe (1882 - 1931), uma referência global dos movimentos LGBT. Nascida Einar Wegener, era casada com a também artista Gerda Wegener quando decidiu se submeter àquela que é tida como uma das primeiras cirurgias de redesignação sexual, mudou seu nome social e viveu como mulher. Lili Elbe é a primeira transsexual a se submeter à cirurgia de mudança de sexo em 1930,

Após intensa mobilização organizada pela ADEH (Associação de Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade) e a publicação de uma carta de repúdio, o longa finalmente chegou às salas comerciais catarinenses dia 18 de fevereiro.

A ADEH se organizou para oferecer o ingresso como cortesia para pessoas trans. O filme foi indicado ao Oscar em quatro categorias - Ator (Eddie Redmayne), Figurino e Design de produção, mas conseguiu a estatueta para Atriz Coadjuvante (Alicia Vikander). A ADEH divulgou uma carta de repúdio aos cinemas da Capital em que defendia a exibição do filme por ser “um dos poucos que retrata a história de uma mulher transsexual de forma digna

sem utilizar de estereótipos caricatos, deboches ou com apelos sexuais para nos representar”.

Segundo o documento, assinado pela coordenado-



THE DANISH GIRL

GLOBAL TRAILER

ra geral Lirous Ávila, quando ela ligou para um cinema da Capital para saber mais a respeito, uma pessoa que se dizia responsável pela programação perguntou de forma rude: “Tá, mas porque vocês querem assistir a esse filme?”.

Depois da divulgação da carta de repúdio, a ADEH recebeu uma resposta da Universal Pictures agradecendo o interesse e avisando que o filme entraria em cartaz nos cinemas, e que isso poderia ter sido pelo grande interesse da Associação.

A CRISE É NO TRANSPORTE, NÃO NO JORNALISMO

Coletivo Blumenau mistura tecnologia e colaboração na cobertura do colapso no transporte público e experimenta caminhos para o jornalismo local

POR EVANDRO DE ASSIS

Jornalista pós-graduado em Direção Editorial pela ESPM (SP) e mestrando em Jornalismo pela UFSC
<evandrodeassis@hotmail.com>

Douglas Henrique trabalha numa cooperativa de crédito. Domina planilhas de Excel, tem intimidade com ferramentas tecnológicas e é um entusiasta do transporte coletivo. Ana Paula Dahlke é estudante do primeiro ano de Jornalismo da Furb, adora conversar e comunica-se com facilidade em texto e fotografia. Usa ônibus com frequência. Bruno Goulart acorda cedo diariamente para sentar na cadeira de cobrador de um coletivo urbano. Participa de grupos que reúnem colegas de trabalho no WhatsApp e Facebook.

Nenhum dos três é jornalista profissional, o que não os impediu de emprestar habilidades e conhecimentos específicos à cobertura da crise sem precedentes no sistema de transporte público de Blumenau. Os três serviram de fontes ao compartilhar com jornalistas o que sabiam sobre o assunto. Atuaram como jornalistas amadores, porque produziram e publicaram imagens, textos e até gráficos estatísticos que auxiliaram a população a compreender aspectos da história. Ao mesmo tempo comportaram-se como público, já que consumiram informações fornecidas por outras pessoas, profissionais ou não. Esta condição híbrida, em que um mesmo sujeito desloca-se entre diversos papéis do ecossistema jornalístico, marca a experiência do Coletivo Blumenau, iniciativa independente em jornalismo colaborativo criada por três profissionais da área incomodados com a cobertura da imprensa sobre a crise dos ônibus. Experimento que cresceu, fugiu ao controle dos criadores e agora engatinha rumo ao projeto de se tornar uma startup jornalística viável.

A CRISE

A concessionária que explorava o serviço de ônibus urbanos em Blumenau, o Consórcio Siga, entrou em colapso financeiro em dezembro de 2015, quando não pagou salários a motoristas e cobradores e teve 25 veículos apreendidos como garantia de dívidas. Uma sucessão de greves e negociações culminou no decreto de caducidade do contrato por parte da prefeitura em janeiro, o que obrigou Blumenau a trocar uma frota de 240 ônibus em poucos dias. Na transição do serviço para a paulista Viação Piracicabana, contratada emergencialmente, a população ficou oito dias sem transporte.

O quadro de exceção exigia esforço extra das equipes de jornalismo que atuam na região de Blumenau, mas o que se viu foi uma cobertura dependente de informações oficiais e desconectada das ruas. As dificuldades econômicas não pouparam a imprensa local, que sofre violenta redução das receitas com publicidade - cenário que combina a desindustrialização do setor jornalístico, estrutural e global, com a recessão brasileira dos últimos anos. Num quadro assim, equipes naturalmente escassas estavam ainda mais enfraquecidas no momento em que os ônibus sumiram das ruas, e o impacto pôde ser percebido na superficialidade do noticiário.

Vácuo informativo que serviu de deixa para a inovação.

O Coletivo Blumenau nasce na sexta-feira 29 de janeiro, convidando os blumenauenses a registrar em textos, fotografias e vídeos o início da operação da nova empresa de ônibus. No método proposto, aos jornalistas envolvidos cabe selecionar as informações relevantes publicadas pelos colaboradores no grupo, editá-las e transformá-las em conteúdo acabado. Após filtro, edição e eventual apuração extra, o material passa à página do Coletivo na rede social. Ou seja: os colaboradores interagem livremente na ferramenta “grupo” do Facebook, enquanto suas contribuições alimentam conteúdo produzido por jornalistas na modalidade “página”. Desta forma, diferencia-se o material que passou pela curadoria de profissionais.

Os fundadores do Coletivo Blumenau são Clóvis Reis, professor da Furb e colunista do Jornal de Santa Catarina; Edgar Gonçalves Jr., jornalista que até setembro de 2015 chefiou a redação do Diário Catarinense, em Florianópolis; e Evandro de Assis, editor-chefe do Santa até agosto do ano passado e professor da Furb.

AGILIDADE E CAPILARIDADE

Logo no primeiro dia duzentas pessoas entraram no grupo, mais de 100 fotografias e vídeos foram postados e fatos ignorados pela população vieram à tona. Que jornal, rádio ou TV teria condi-

ções de espalhar 200 repórteres para registrar o que acontecia nos ônibus, terminais e ruas de Blumenau?

Tal capilaridade proporcionou informações inéditas e com agilidade. Soube-se por meio do Coletivo Blumenau que os ônibus postos em circulação tinham, de maneira geral, más condições de manutenção. Portas e elevadores quebrados, sujeira e veículos enfiados surgiram em fotos e vídeos.

Relatos de passageiros espremidos em ônibus pequenos demais se multiplicaram, enquanto usuários indignados reclamavam do não cumprimento de horários. A riqueza do conteúdo compartilhado chamou a atenção da imprensa tradicional, que tanto passou a procurar fontes e relatos no grupo para produzir novas reportagens como transformou a própria experiência do Coletivo em pauta. A divulgação em TVs, rádios, jornal e websites atraiu mais colaboradores, o que ampliou o conteúdo e as possibilidades de interação, mas também apresentou limitações do modelo. Organizar a conversa ficou mais difícil.

Cada vez mais numeroso e heterogêneo, o grupo no Facebook começou a ficar confuso, após a segunda semana de atuação. Opiniões, por vezes agressivas, suplantaram os relatos objetivos e as informações de serviço. Políticos com mandato e assessores partidários perceberam o potencial de engajamento e usaram o grupo para autopromoção, proselitismo e ataque aos adversários. Limitado como ferramenta jornalística, o Facebook mistura informações antigas e novas e oferece poucos recursos para a moderação. A conversa involuía para a gritaria.

Perto de completar um mês, o Coletivo Blumenau reúne quase 2 mil integrantes. Ônibus estragados, lotados e atrasados continuam sendo assunto entre os colaboradores, embora o desejo seja abrir o leque de temas para além das questões de mobilidade - a dificuldade de virar a página está também relacionada à persistência dos problemas no transporte. A experiência no Facebook continua, mas a proposta agora é usá-la como laboratório para algo mais completo, talvez na forma de aplicativo. Se o Coletivo Blumenau se tornará uma alternativa viável de jornalismo local, é impossível



FOTO: RUI FONTOURA

prever. Mas ao menos o caminho trilhado e relatado em público, como fazemos neste espaço, pode ajudar mais jornalistas e estudantes da área a experimentar maneiras diferentes de se relacionar com a comunidade e perseguir um jornalismo plural, livre, autêntico e conectado com a sociedade.

FURB SEDIA ENCONTROS PARA LEGALIZAÇÃO DO KOCHKÄSE

Projeto discute estratégias de como legalizar a comercialização do queijo e é uma iniciativa conduzida por três instituições: FURB, EPAGRI e prefeitura de Blumenau.

“A preocupação que a gente tem é a criminalização da cultura”. A frase de Miguel Luciano da Silva, representante da Rede de Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável, resume as discussões em torno da legalização da comercialização do Kochkäse, queijo cozido produzido de forma artesanal e vendido nas feiras da região. A FURB sediou encontros sobre o tema em 24 e 25 de fevereiro, no Auditório da Biblioteca da FURB. No primeiro



FOTO: MAGALI MOSER

dia, a reunião tratou sobre a apresentação do Projeto Kochkäse e no dia seguinte o debate foi sobre a estruturação da Rota do Leite, que deve incluir os três estados da macrorregião Sul do país e tem a condução do Ministério da Integração Nacional.

Marian Natalie Melsen, técnica de laboratório do Centro de Ciências Tecnológicas da FURB e secretária da diretoria do SINSEPES, apresentou e contextualizou o Projeto Kochkäse, criado em 2009. Entre 2012 e 2014,

a iniciativa contemplou uma pesquisa desenvolvida através de uma parceria entre a FURB e a EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), com o financiamento do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Em meados de fevereiro, uma oficina ministrada pelo Ministério da Agricultura reuniu produtores, extensionistas da EPAGRI, representantes de órgãos de fiscalização e profissionais da FURB em torno do desenvolvimento de estratégia de fortalecimento e gestão da Indicação Geográfica do queijo artesanal. O Ministério desenvolveu, com os atores locais, uma dinâmica de trabalho em grupo que culminava em um levantamento de ideias, com o objetivo de fortalecer a visão de futuro compartilhada das potencialidades da IG do Kochkäse.

Em 2014 ocorreu o primeiro encontro entre produtores do queijo. No ano passado, o segundo e a partir deste, encontros mensais com produtores interessados para discutir a proposta de elaboração de um regulamento técnico para a fabricação do queijo. Típico da região do Vale do Itajaí, o Kochkäse faz parte da colonização alemã. Na sua fabricação não é utilizado o leite pasteurizado e sim o leite cru, não tendo a aprovação dos órgãos de fiscalização para o consumo e a comercialização.

Em 2015, seguindo como base a regulamentação do Queijo Serrano, na região de Lages, o projeto começou a elaborar o Regulamento Técnico de Identidade e Qualidade, no entanto, ainda faltam trabalhos e estudos científicos a serem realizados. Na região, muitos produtores rurais fabricam o Kochkäse, mas somente os que usam o leite pasteurizado o comercializam legalmente em Blumenau. Raíssa Balthazar, representante do IPHAN, estava presente na reunião e questionou as divergências da produção do queijo, que podem descaracterizar esta herança cultural. Um dos encaminhamentos da reunião foi a promoção de um encontro com o IPHAN para rever essas questões, além de já estar marcada para maio uma reunião para a apresentação da Regulamentação para o órgão de fiscalização. O Projeto Kochkäse é uma iniciativa conduzida por três instituições: FURB, EPAGRI e prefeitura de Blumenau.

O RABANETE PERECQUIANO

POR CÁRDIAS TRAMONTTI

Estudante do curso de Ciências Sociais da FURB

A mulher para em frente a banco
Na mão esquerda um rabanete
As folhas murchas estão viradas para baixo
A outra mão aperta um fino anel de ouro
Os cabelos são curtos e muitos
Estão pintados de dourado, cintilando ao sol de junho
Os óculos, com uma armação dourada lembram uma gota
Ajudam seus pequenos olhos cinza.
No rosto, a maquiagem discreta, quase imperceptível
Não esconde os sessenta anos, ou quase.
A blusa bege com um decote em v de lã leve cobre a cintura larga
Veste uma calça Jens azul, larga e velha, cosida com costuras brancas
Nos pés uma sandália preta com uma plataforma anatômica
Está presa aos pés gordos por três tiras elásticas e largas
Em sua frente dois homens e uma mulher fumam cigarros sentados
A fumaça azulada que emana de suas bocas dança ao vento
E desaparece imperceptível em direção ao céu azul
Não falam nada, olham a mulher e seu rabanete
O sol esquenta a tarde e estende uma sombra sobre o banco
A mulher olha para um lado
Olha para outro
Hesita
Não fala nada e segue em frente
Com o rabanete entre os dedos



INVISIBILIDADE FEMININA NA FURB

Em 52 anos, a FURB teve apenas sete mulheres em cargos de alta gestão. Elas começaram a ocupar esses cargos apenas no ano de 1984, ou seja, 20 anos após a criação da instituição. Nunca houve uma mulher à frente da reitoria da universidade

POR MAGALI MOSER

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

Em 50 anos de história, a FURB formou mais de 40 mil profissionais, entre eles muitas mulheres. Elas são maioria nas salas de aula: o número de alunas matriculadas atualmente na FURB é de 5.667; enquanto o de alunos é 4.886. No entanto, os cargos de chefia da universidade ainda são de predominância dos homens. A FURB contabiliza 11 reitores ao longo de sua trajetória. Nunca teve uma reitora e hoje não conta com pró-reitoras na sua equipe de lideranças. Dados da Divisão de Gestão e Desenvolvimento e Pessoas (DGDP) e do Centro de Memória Universitária (CMU)

apontam: Apenas seis mulheres estiveram nesse cargo ao longo da trajetória da primeira universidade do interior, criada em Santa Catarina em 1964. No registro, uma única vice-reitora.

A realidade não difere das outras instituições do sistema ACADE. Entre as 16 instituições da Associação Catarinense das Fundações Educacionais, apenas três têm mulheres como reitoras - a Universidade do Contestado (UnC), a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e o Centro Universitário Municipal de São José (USJ). Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela primeira vez

desde a sua fundação em 1960, uma mulher assumiu em 2012 o cargo de reitora. A Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) ainda não teve à frente uma mulher como reitora.

No período de 1990 a 2016, o CMU da FURB constata que houve apenas uma candidata à reitoria da FURB, Tânia Baier. O CMU não tem como afirmar se antes teve outras candidatas, pois a consulta tem como base os documentos a partir de 1990. Em 1990, chapa composta pelo professor Carlos Ávila, como candidato a reitor e Clarisse Odebrecht, como vice, disputou a eleição quando Celso Zipf foi

eleito. Para a gestão 1998-2002, quando foram eleitos Egon Schramm e Rui Rizzo, uma das chapas concorrentes foi Celso Mario Zipf e Elisete Ternes Pereira, como vice. Na gestão 1994-1998, a chapa 3 teve a participação de Edmundo Pozes da Silva e Helena Maria Miranda Gomes, como vice. Em 2006, Elsa Bevia foi candidata a vice com João Natel, quando perderam a eleição para Eduardo Deschamps e Romero Fenili. Na eleição seguinte, em 2010, Natel foi eleito com Griseldes Boos como vice-reitora, que acabou se aposentando durante mandato. Ele concluiu o mandato sem ela.

A história da FURB mostra que a ocupação feminina ocorre geralmente no cargo de pró-reitora de Ensino e que nunca uma mulher chegou ao cargo de pró-reitora de Administração ou reitora, a não ser para substituir o reitor em sua falta ou impedimento. Foi o que aconteceu por duas vezes quando a bióloga Lúcia Sevegnani, falecida ano passado, e a engenheira química Griseldes Fredel Boos assumiram o posto. Uma portaria designou a professora Lúcia ao cargo de 08 a 14 de Novembro de 2003. Em 1985, Hella Altenburg respondeu interinamente pelo expediente da vice-reitoria ocupando o lugar Bráulio Maria Schloegel.

Os primeiros 20 anos da FURB não contaram com a participação feminina em cargos de destaque na liderança. Desde a criação da FURB, em 1964, até o ano de 1984 nenhuma mulher havia ocupado os cargos da alta gestão. A primeira vez que isso acontece foi em 1984, com a professora Hella Altenburg, no comando da Superintendência de Ensino. Em 1986, Gertrudes Knih de Medeiros foi nomeada Superintendente de Pesquisa e Desenvolvimento. De 1994 a 2002, a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação teve à frente a professora Marli Maria Schramm. De 2002 a 2005, a pró-reitora de Extensão e Relações Comunitárias foi a professora Lúcia Sevegnani. De 2006 a 2010, a pró-reitora de Ensino de Graduação foi a professora Sônia Regina de Andrade. De 7 de julho de 2013, a 01 de junho de 2015, a professora Maria José Carvalho de Souza Domingues esteve à frente da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Ensino Médio e Profissionalizante. -SEGUE -

Os dados para esta reportagem foram conferidos em Portarias expedidas no período compreendido 1984 a 2016.

“

Os cargos de chefia da universidade ainda são de predominância dos homens. A FURB contabiliza 11 reitores ao longo de sua trajetória. Nunca teve uma reitora e hoje não conta com pró-reitoras na sua equipe de lideranças.

DEPOIMENTO DE QUEM JÁ ESTEVE À FRENTE DA REITORIA

“Nos mais de trinta anos de atuação na FURB, grande parte dediquei à gestão. Esta é uma dimensão dos fazeres da Universidade que sempre me fascinou e que, lamentavelmente, ainda não é devidamente reconhecida como atividade acadêmica relevante, de sustentação e viabilizadora do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. Transitando nesta dimensão, tive a oportunidade de desempenhar diferentes funções e ocupar cargos como chefe de departamento, direção de centro, membro de todos os conselhos superiores, coordenação de colegiado de curso e, ao final da carreira, ocupar a vice-reitoria, cargo pela primeira vez ocupado por uma mulher. Nesta condição, pude experimentar o exercício da reitoria, nas ausências do titular. Estar à frente de uma instituição como a FURB é uma experiência riquíssima. Ainda que na minha trajetória anterior pude conhecer profundamente a instituição, o exercício da reitoria, e o de vice-reitoria, me permitiu aprofundar relações, além de construir novas, olhar a universidade sob outro prisma e a partir deste lugar fui adquirindo uma visão mais sistêmica deste universo tão rico, diverso e complexo. Digo que foi apaixonante e desafiador. E contribuiu profundamente para a minha formação profissional e pessoal. A possibilidade de interação efetiva com a comunidade acadêmica me deu a oportunidade de conhecer melhor as demandas para além de questões pontuais e emergenciais e me capacitou para colaborar na definição de planos/projetos/políticas institucionais que fiquei na expectativa de serem implementadas. Quanto ao fato de ser mulher, não tive dificuldades significativas, ainda que pudesse perceber em determinados momentos algumas resistências. As dificuldades, na verdade, residiram em outros aspectos. Entretanto, não há como desconhecer que infelizmente, na FURB, a gestão ainda é um espaço predominantemente masculino, especialmente em alguns cargos da gestão superior. Não faço aqui uma defesa de gênero simplesmente, até porque sempre defendi que a ascensão na carreira deve ser uma questão de mérito. E é exatamente por defender este princípio que me permito estranhar que esta competência seja pouco reconhecida entre as mulheres de nossa universidade. Penso que este é mais um desafio a ser enfrentado, entre outros tantos” - Griseldes Fredel Boos, ex vice-reitora da FURB



FOTO: ARQUIVO



1. Eleição para Reitor e Vice-Reitoria - Gestão 2006-2010. Da esquerda para direita : candidatos: reitor João Natel Pollonio Machado e vice-reitora Elsa Bevian. Local: Campus I - FURB. Data: 07/2006. Acervo: Centro de Memória Universitária - CMU/Arquivo da FURB.

2. Cerimônia de posse do Reitor João Natel Pollonio Machado e da Vice-Reitora Griseldes Fredel Boos - Gestão 2010-2014. Local: Teatro Carlos Gomes - Blumenau - SC. Data: 27/10/2010. Fotógrafo: Rogério Pires.

3. Eleição para Reitor e Vice-Reitoria - Gestão 2006-2010. Da esquerda para direita : candidatos: reitora Tânia Baier e vice-reitor Ralf Marcos Ehmke. Local: Campus I - FURB. Data: 07/2006. Acervo: Centro de Memória Universitária - CMU/ Arquivo da FURB.

ALUNAS DENUNCIAM ASSÉDIO

O ingresso de Michele Greco na FURB foi pelo Curso de Moda, em 2012. Naquele momento, a estudante ainda não era militante do movimento feminista. Mas o trote praticado com as alunas do curso lhe gerou rejeição. A “brincadeira” entre os veteranos constitua em “comprar” a caloura com algumas moedas para que ela lhe “servisse” chope durante toda a noite. Michele se recusou a participar.

Hoje ela estuda Direito e Ciências Sociais na universidade. Aos 21 anos, é uma das lideranças à frente do Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana, em Blumenau, junto com outras ativistas como Georgia Faust. A leitura responsável por mudar sua forma de pensar foi o Segundo Sexo, da filósofa francesa Simone de Beauvoir, justamente o livro que gerou repercussão nacional após ter caído no ENEM ano passado. Uma das primeiras ações do coletivo foi a participação no Grito dos Excluídos em 2014, na abertura do desfile de 7 de setembro, na Rua XV de Novembro. Elas foram para a rua lutar por bandeiras históricas do movimento como a legalização do aborto. Ano passado, o grupo ganhou visibilidade com a marcha pelo Fora Cunha, contra PLS069/2013 que reuniu mais de 100 pessoas em Blumenau.

“O cerceamento dos métodos contraceptivos é um retrocesso de mais de 50 anos. A gente nunca imaginou ter de lutar por algo que já havia conquistado. O absurdo da misoginia e do machismo nos obrigam a sair da zona de conforto. A gente luta para que o aborto seja legalizado, mas não imaginava lutar por questões já superadas como a pílula do dia seguinte!”, desabafa a estudante ao lembrar da marcha pelo Fora Cunha, ano passado.

O Coletivo busca interferir ainda na construção de políticas públicas voltadas para a mulher. Uma das prioridades neste quesito é oferecer um atendimento de qualidade na Delegacia de Proteção à Mulher. As situações de desrespeito à mulher também incluem o ambiente da universidade. O Coletivo Feminista

registrou denúncias de assédio moral por parte de professores contra alunas na FURB. Os casos foram levados para os Centros de Direito e Psicologia, mas não obtiveram o tratamento esperado.

“Há um silenciamento. O grande entrave é que a gente não tem abertura para falar sobre isso. Ainda há essa cultura que valoriza e incentiva o professor ficar com a aluna e esquece as relações de poder que existem aí”, conclui.

Aos 32 anos, a publicitária Aline Cruz é estudante do curso de Educação Física da FURB e também integra o Coletivo Feminista.

“Já perdi amigos por causa do feminismo. As pessoas te julgam como ‘chata’, ‘vitimista’, ‘motivo de piadas’. Hoje não aceito mais conviver com amigos machistas”, conta.

“Conforme a gente se posiciona, atraímos ou afastamos certos tipos de pessoas. Fiz amizades dentro da militância”, narra Michele.

Juntas, as estudantes já ouviram comentários preconceituosos e machistas. O que mais incomoda no entanto é a ignorância ligada ainda à frequente associação do feminismo ao nazismo. Elas lembram que enquanto o primeiro está ligado à práticas de libertação o segundo defendia exatamente o oposto, por isso se sentem tão incomodadas com a comparação descabida.

Neste 8 de março, o Coletivo vai percorrer as ruas centrais de Blumenau, com a intenção de lembrar as vítimas do feminicídio na região. Só este ano três mulheres perderam a vida por este motivo no Vale. Um mulher de 30 anos, foi morta pelo marido após uma briga na casa em que ambos moravam no bairro Nova Esperança, em janeiro. O corpo de uma mulher de 47 anos foi encontrado pelo filho no início de fevereiro nos fundos da casa da família, em Blumenau. Em Itajaí, um homem matou a mulher de 34 anos e o filho de 16 após uma discussão. - SEGUE -



Michele Greco e Aline Cruz integram o Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana, em Blumenau e são alunas da FURB. As estudantes defendem posturas mais rigorosas com relação às denúncias de assédio na instituição
FOTO: MAGALI MOSER

AS MULHERES NO COMANDO DOS CENTROS UNIVERSITÁRIOS NA FURB

Márcia Cristina Sardá Espindola e Rita Buzzi Rausch estão à frente do CCT e do CCEAL respectivamente. Além da liderança, elas têm em comum rotinas atribuladas

Marcia Cristina Sardá Espindola e Rita Buzzi Rausch são as únicas mulheres a estarem à frente de centros universitários hoje na FURB. Natural de Otacílio Costa, Marcia fez o Ensino Médio na ETEVI, quando ainda era uma Escola Técnica, onde se formou Técnica em Processamento de Dados, em 1988. Depois foi contratada como Técnica Administrativa, em 1989. Fez a Graduação também na FURB, no Curso de Arquitetura e Urbanismo, onde hoje leciona. Ingressou como professora substituta em 2003 e no quadro efetivo, em 2005. Em abril completa 27 anos como Servidora na FURB. Rita ingressou em 1984, como estudante, no Curso de Pedagogia. Retornou para cursar Mestrado em Educação, em 1997. No ano seguinte, fez curso PSPS para Estágio Supervisionado de Pedagogia e deu início à trajetória como servidora da instituição. Em 2000 fez concurso para o quadro na mesma disciplina e foi aprovada. Em áreas diferentes e com propósitos distintos, as duas vivenciaram situações que as fizeram repensar a condição da mulher na universidade.

“Infelizmente é impossível não ter vivenciado situações de machismo em algum momento. Recordo de um aluno que discordou de uma nota e chegou bem próximo, com tom de ameaça, me mantive firme, ele saiu da sala e depois retornou pedindo desculpas. Acredito que ele não agiria assim com um professor homem”, acredita Marcia.

“Não me lembro de ter vivenciado atitudes de violência explícita contra alguém, mas o fato de ter frequentado o Curso de Pedagogia em uma turma constituída só de mulheres, e ter atuado mais diretamente neste curso em que, ainda hoje, é constituído, em sua maioria, por mulheres, remete-nos a uma forte concepção machista de que educar crianças é uma designação natural da mulher”, observa Rita.

Marcia e Rita não têm em comum apenas cargos de liderança na universidade. Nos bastidores, elas também se desdobram numa rotina atribulada. Casada e mãe de um filho de sete anos, Marcia pode ficar com ele somente no período noturno. Desde que assumiu a Direção do CCT soube que não conseguiria ser onipresente, mas faz o possível para atender as necessidades do cargo, sem esquecer as outras funções que lhe dão equilíbrio, como ser mãe, esposa, amiga, profissional e mulher.

Rita é mãe, casada e tem dois filhos homens. Desde que teve os filhos, conta com o auxílio de uma empregada nos afazeres de casa. Além disso, há distribuição de tarefas entre todos. Seus filhos, embora não gostem, são educados para lavar a louça. Compra de mercado, atualmente, é tarefa do filho mais velho. O marido também cozinha. “Serviço de homem” e “serviço de mulher” não existe na casa de Rita, ela garante.

Marcia e Rita concordam que as mulheres tem peculiaridades na forma de liderar. Intuição, sensibilidade, flexibilidade, capacidade de persuasão, dentre outras características marcam o comando feminino, na avaliação das professoras.

“Entendo que na trajetória de luta histórica das mulheres por autonomia e liberdade, muitas foram as conquistas. Mas tenho consciência de que há muito o que se fazer ainda para alcançarmos a igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres no Brasil”, acredita Rita. E acrescenta: “E um dos principais desafios, no meu entender, hoje, é sairmos de uma perspectiva de ‘mais imagem’ para uma perspectiva de ‘mais valores’”

“Concordo com a definição da escritora Nigeriana e ativista prol feminismo Chimamanda Ngozi Adichie: Ser Feminista é a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos. Como eu acredito então sou feminista sim”, avalia Marcia.



FOTO: MAGALI MOSER

AS MULHERES NA LIDERANÇA

Ex-Diretoras de Faculdades

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Hella Altenburg (06/03/1984 – 06/04/1984)

Diretoras e Ex-Diretoras de Centro

Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA
Maria José Carvalho de Souza Domingues (12/07/2010 – 27/06/2013)

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA
Yolanda Soares Tridapalli (05/05/1986 – 04/05/1990)
(04/05/1990 – 04/05/1994)

Josani Milene Fink (27/06/2013 – 05/03/2014), que com a PORTARIA Nº 44/2014 – Concede licença-prêmio, também se afastou.

Centro de Ciências Humanas e da Comunicação - CCHC
Vilma Margarete Simão (07/07/1998 – 08/07/2002)

Centro de Ciências Tecnológicas – CCT
Elisete Ternes Pereira (04/05/1994 -07/07/1998)
Griseldes Fredel Boos (07/07/1998 – 08/07/2002)
(08/07/2002 – 10/07/2006)

Clarisse Odebrecht (10/07/2006 – 11/07/2010)
Márcia Cristina Sardá Espindola (01/08/2014 - 2018)

Centro de Ciências da Educação – CCE
Silvira Cordeiro de Oliveira (07/07/1998 – 08/07/2002)
Marilene de Lima Körting Schramm (10/07/2006 – 11/07/2010)
(12/07/2010 – 01/08/014)

Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras - CCEAL
Rita Buzzi Rausch (01/08/2014 – 2018)

Centro de Ciências Exatas e Naturais – CCEN [12]
Tânia Baier (07/07/1998 – 08/07/2002)

Centro de Ciências da Saúde – CCS[14]
Élide Kurban (10/07/2006 – 11/07/2010)

Centro de Ciências Jurídicas – CCJ
Patrícia Luiza Kegel (08/07/2002 – 10/07/2006)
(10/07/2006 – 11-07-2010)

OS DESAFIOS DA COLETA SELETIVA DE BLUMENAU

As áreas da pesquisa, o gerenciamento e a educação ambiental impõem barreiras a serem superadas no sistema adotado no município. Só em 2014, 5,6 mil toneladas foram recolhidas pela SAMAE em Blumenau

POR JOÃO MARCOS B. M. DE MOURA

Engenheiro civil e doutorando em engenharia ambiental pela FURB < joaomarcosmm@hotmail.com >

O que os olhos não veem o coração não sente. Talvez este dito popular explique, em parte, uma ideia “mágica” atribuída às lixeiras. Presume-se que uma vez descartados e distantes dos nossos olhares, todos os problemas em relação aos resíduos são resolvidos. Não é verdade... aliás, muitas vezes é neste momento que os problemas começam.

Vejam a coleta seletiva e em particular a do município de Blumenau-SC. A coleta seletiva é um sistema que visa recolher os resíduos “secos”, recicláveis, e custa até 400% mais caro que o da coleta dos resíduos não recicláveis (CEMPRE, 2014). Isto porque muitas vezes não conta com caminhões compactadores e os resíduos recicláveis são mais “volumosos”, diminuindo também a capacidade de transporte e aumentando os custos operacionais para o município.

Segundo o SAMAE, 5,6 mil toneladas de resíduos foram recolhidos pela coleta seletiva de Blumenau em 2014 (SAMAE, 2015). Grande parte é encaminhada à Associação de Trabalhadores de Materiais Recicláveis de Blumenau (RECIBLU). Acontece que parte desta quantia não se consegue reciclar, gerando por isso, o que chamamos de rejeitos. Tratam-se de materiais que acabam indo para o aterro sanitário por terem sua capacidade de reciclagem inviabilizada. Mas afinal, o que são eles? Quantos são? Por que eles existem?

No meu mestrado em engenharia ambiental da FURB, eu, a profa. Ivone Gohr Pinheiro e o graduando em engenharia civil, Jacksonildo do Carmo Lima, tentamos responder estes questionamentos, analisando os rejeitos da RECIBLU (MOURA, 2016; TV FURB, 2016).

Para estudar “o que eram” e “quantos eram” esses materiais rejeitados, contamos com o total apoio do SAMAE de Blumenau, oficializando esta parceria através de um convênio. Foi um ano acompanhando a composição dos rejeitos, o que resultou na análise de 3900 kg. Eles foram classificados em 17 categorias, como: orgânicos, plásticos, papéis, vidro, eletroeletrônicos, etc. Ao mesmo tempo, através da balança do SAMAE quantificamos todos os rejeitos gerados.

Os resultados mostraram que a RECIBLU rejeita em média 30% dos resíduos que chegam da coleta seletiva. Isto representa 345.000 kg de materiais rejeitados e enviados para o aterro sanitário por ano. Trata-se de uma quantia desafiadora para ser gerida e que envolve a mobilização de vários atores sociais. Até porque, quando determinamos a composição dos rejeitos, percebemos três aspectos importantes a serem fortalecidos:

O primeiro da pesquisa e inovação tecnológica. Observamos que uma significativa parte dos rejeitos é composta por plásticos que ainda não possuem uma tecnologia de reciclagem consolidada ou economicamente viável. Neste contexto, ganha importância ainda maior a contribuição de universidades e centros de pesquisa para com as demandas de cooperativas e órgãos públicos. Acredito que este envolvimento seja estratégico para que construamos formas de redução dos impactos negativos gerados por uma sociedade cada vez mais instigada a consumir e a descartar.

Um segundo aspecto condiz ao fortalecimento do gerenciamento integrado da coleta seletiva: observamos possibilidades de ampliação das cooperativas. Notamos que alguns rejeitos possuem um mercado já muito bem desenvolvido de reciclagem, como por exemplo, os plásticos metalizados (aqueles de embalagens de bolacha, salgadinhos). Algumas empresas usam eles para fazer telhas. Vimos também que a população encaminha muitos utensílios domésticos, calçados, têxteis que poderiam ser reaproveitados ou até mesmo reciclados. Neste sentido, segue o desafio de fortalecer a atuação das cooperativas e em conjunto avançar na consolidação de estruturas que facilitem o correto descarte, um adequado transporte e possibilitem o aproveitamento destes materiais.

Por fim, outro fator que considero ser importantíssimo para o avanço dos dois primeiros aspectos é o da educação ambiental: o que nos chamou a atenção foi a presença significativa dos resíduos ditos “úmidos”, ou seja, aqueles que não devem ser encaminhados à coleta seletiva, como por exemplo os orgânicos (alimentos, papéis engordurados, dejetos, etc). Não suficientemente observamos também eletroeletrônicos, pilhas, baterias e lâmpadas que possuem componentes químicos com potencial nocivo ao ambiente natural e à saúde humana (principalmente dos trabalhadores de materiais recicláveis).

Diante disso, acredito que seja necessário fortalecer uma educação ambiental que promova continuamente uma visão sistêmica e solidária sobre questões da vida da cidade. O que implicaria, por exemplo, em fazer perceber que as lixeiras de nossas residências estão inseridas numa rede conectada com o ambiente natural e com a vida dos trabalhadores de matérias recicláveis. É bem verdade que esta rede é complexa, e para que seja virtuosa reconheço que não basta apenas a colaboração de nós, usuários do sistema da coleta seletiva. Necessitamos também da cooperação do poder público (formulação de políticas públicas, acesso à informação, organização de estruturas, apoio às cooperativas) e da iniciativa privada. Esta última, aliás, poderia refletir melhor sobre a viabilidade de reciclagem dos produtos que lança no mercado, indo além da visão rasa de lucro imediatista e irresponsável.

Assim, esperamos que através da pesquisa científica, do gerenciamento integrado e da educação ambiental possamos reconhecer e enxergar que os problemas não somem na lixeira. Porque afinal, o que descartamos não vai muito além da nossa Casa Comum, a Terra.

Referências

CEMPRE – Compromisso Empresarial para a Reciclagem. 2014. Ciclossoft 2014. Disponível em: <<http://cempre.org.br/ciclossoft/id/2>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

MOURA, J. M. B. M. Rejeitos da coleta seletiva do município de Blumenau-SC: composição gravimétrica e incorporação de materiais da construção civil. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016.

SAMAE – Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (Blumenau). Dados SAMAE – Pesquisa FURB. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <joaomarcosmm@hotmail.com> em 04 dez. 2015.

TV FURB. Pesquisa Coleta Seletiva Blumenau. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BkZrErMEcA>> Acesso em: 11 fev 2016.

“

É necessário fortalecer uma educação ambiental que promova continuamente uma visão sistêmica e solidária sobre questões da vida da cidade. O que implicaria, por exemplo, em fazer perceber que as lixeiras de nossas residências estão inseridas numa rede conectada com o ambiente natural.

PAUTA DE REIVINDICAÇÕES

Servidores definem cláusulas para as negociações com a reitoria. Acompanhe abaixo a lista e fique por dentro das próximas assembleias da categoria! Participe!

I – CLÁUSULAS ECONÔMICAS

1.1 Reposição de 19,12%* das perdas salariais acumuladas. A Inflação calculada com base na média dos índices (IPC- FIPE, IPC-M-FGV, IGV- DIEESE, INPC e IPCA - IBGE, IVGP - FURB) no período de março/2015 a fevereiro/2016, no percentual de 10,43 % (prévia)* e 7,87% de perdas históricas de 2000 a 2015/16, incidindo sobre os salários de março de 2016.

1.2 Reposição do anuênio correspondente ao período 2007/2008 não retroativo.

1.3 Antecipação de 50% (cinquenta por cento) do décimo terceiro salário para o mês de agosto/2016.

1.4 Incluir nas diretrizes orçamentárias, política salarial que contemplem a reposição integral das perdas, sem parcelamento.

1.5 Encaminhar imediatamente ao Conselho Universitário, proposta de regulamento dos direitos garantidos pela LC 746 que dependem de regulamentação interna, em especial no que trata:

1.5.1 Alterar o Art. 42 LC 746 prevendo outros casos excepcionais onde o servidor poderá requerer a conversão da licença-prêmio em pecúnia à semelhança dos Arts. 151 e 288 da LC660/2007 e do Decreto no. 8613/2008 nos casos previstos nos incisos I a VI do Art. 8º.

1.6 Revisão da 744/2010 no que se refere a redução em até 5 referências da remuneração do quadro de carreira de técnico administrativos em relação a lei anterior.

II - CLÁUSULAS SOCIAIS

2.1 Implementar política de redução da jornada de trabalho dos servidores para 36 horas semanais.

2.2 – Adoção do horário de verão em escala conforme a necessidade de cada setor.

2.3 Suspender qualquer nova terceirização na FURB de funções que podem ser mantidas/criadas como cargos no plano de carreira dos servidores e realização de concurso público para preenchimento das vagas ocupadas pelos terceirizados.

2.4 Ampliar concessão do benefício de abatimento de mensalidade aos servidores aposentados e seus dependentes nos cursos oferecidos pela Universidade.

2.5 Corrigir as condições de trabalho inadequadas, perigosas e insalubres nos diversos campus da FURB, com a regularização imediata de laudos periciais.

2.6 Ampliar e reestruturar áreas de convivência nos diversos campi da FURB.

2.7 Estabelecer mediante acordo coletivo a regulamentação das férias coletivas, nos seguintes pontos.

2.7.1 Prazo mínimo de divulgação do período concedido.

2.7.2 Critérios para os setores envolvidos.

2.7.3 Prazo de 15 a 20 dias de férias coletivas para servidores técnico- administrativos com direito de opção para sua prorrogação.

2.7.4 Forma de rodízio do saldo de férias remanescente, estabelecendo os critérios de preferência aos servidores.

2.8 Acompanhar o Programa de qualidade de vida no trabalho da Secretaria de Gestão de Pessoas.

2.9 Garantir representação do SINSE-PES nas negociações referentes aos convênios sociais.

2.10 Revisão com participação do SINSE-PES, de anteprojeto de lei para alterar a LC 746, em especial no que trata:

2.10.1-Art. 17 Equiparação do valor do auxílio para servidores com filhos com deficiência ao auxílio creche (prevista no Art. 16), e redução da carga horária em 1/5 para servidores

com 40 horas semanais sem prejuízo a sua remuneração de acordo com laudo emitido pelo SESMT renovada anualmente. Extensão do benefício para aplicação no caso de quaisquer dependentes, não restrito apenas aos filhos.

2.10.2 Art. 38 Alterar as condições para gozo da licença prêmio no Capítulo X Art. 38 da LC 746, retirando as restrições dos parágrafos 1 e 2.

2.10.3 Alterar o Art. 36 e seu parágrafo único equiparando as condições das Licenças por Motivo de Doença em Pessoa da Família, dada também aos servidores do município de Blumenau (LC 660/2007 Art. 37, modificado pela Redação dada pela Lei Complementar nº729/2009).

2.10.4 Art. 60, inciso V: exclusão do "Art. 84" estendendo aos servidores da FURB o Auxílio Alimentação conforme regulamentação municipal. De forma que os servidores horistas ou com carga horária reduzida recebam a proporcionalidade do benefício.

III – CLÁUSULAS ACADÊMICAS

3.1 Efetivar política de pesquisa e extensão que garanta a alocação efetiva das horas de pesquisa e extensão para todos os docentes da instituição.

3.2 Preservar as instâncias colegiadas de tomada de decisões.

3.3 Regulamentar os Regimes de Tempo Parcial para professores do quadro.

3.4 Considerar na planilha de horário todas as atividades não contempladas formalmente, tais como: preparação das aulas, correção de trabalhos e reuniões.

3.5 Extinção do sistema de alocação de horas e melhoria do sistema de avaliação das atividades docentes. Incluir banco de horas de atividades.

IV - CLÁUSULAS SINDICAIS

4.1 Assegurar a manutenção do Processo de Negociação Coletiva Permanente e Contratação Coletiva das Cláusulas pactuadas entre o Sindicato e a Administração da FURB.

4.2 Garantir a manutenção dos acordos sindicais nas Resoluções desta Instituição, só podendo haver rompimento mediante novo acordo.

4.3 Garantir a divulgação antecipada à comunidade universitária da pauta das reuniões dos conselhos superiores, bem como dos pareceres e das atas aprovadas. Além disso, implementar o sistema de transmissão das reuniões dos conselhos superiores conforme aprovado em 2001.

4.4 Garantir a regularização do vínculo empregatício dos servidores técnico-administrativos e professores contratados com vínculo consolidacional por contrato de prazo indeterminado.

4.5 Calendarização de reuniões periódicas mensais entre Reitoria e SINSE-PES para acompanhamento das reivindicações e garantia de cumprimento dos compromissos assumidos.

4.6 Garantir a liberação dos servidores para participar de todas as assembleias convocadas pelo SINSE-PES.

	INPC-IBGE	IPCA-IBGE	IPC-FIPE	IVGP-FURB	ICV-Dieese	IPC-M-FGV
mar/15	1,51	1,32	0,7	0,65	1,26	1,42
abr/15	0,71	0,71	1,1	0,86	0,55	0,75
mai/15	0,99	0,74	0,62	0,03	0,57	0,68
jun/15	0,77	0,79	0,47	0,74	0,81	0,83
jul/15	0,58	0,62	0,85	0,78	0,95	0,6
ago/15	0,25	0,22	0,56	0,48	0,06	0,24
set/15	0,51	0,54	0,66	0,24	0,48	0,32
out/15	0,77	0,82	0,88	0,42	0,78	0,64
nov/15	1,11	1,01	1,06	1,80	1,02	0,9
dez/15	0,90	0,96	0,82	0,48	0,77	0,92
jan/16	1,51	1,27	1,37	0,88	2,25	1,48
fev/16	0,70	0,90	0,85	0,90	0,8	0,95
Acumulado	10,80%	10,36%	10,40%	8,57%	10,78%	10,17%

Maior

Menor

■ Prévia

Índice de reajuste	
Média dos 4, excluídos maior e menor	1,10427
	10,43%

Reposição inflação 2015-16	Perdas acumuladas	TOTAL
1,10004	1,078219	1,1533
10,43%	7,87%	19,12%



FOTO: BRUNO TOMIO

IMPRESSÕES DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

A experiência de um aluno da FURB no FSM e as discussões e atividades vivenciadas no encontro, consolidado como alternativa e crença de que outro mundo é possível

POR BRUNO TOMIO

Graduado em Educação Física pela Furb <bruno.tomio@hotmail.com>

Participei do Fórum Social Mundial (FSM), que aconteceu de 19 a 23 de janeiro, na cidade de Porto Alegre (RS), com a expectativa de poder estar em meio a vários movimentos combativos e ativos na luta contra o capitalismo e suas diversas injustiças, como também participar de discussões, debates e atividades das quais realizassem uma análise crítica e aprofundada da conjuntura atual. Para assim vislumbrar ou buscar alternativas para o enfrentamento e superação do presente modelo de produção e político que sobrevive por meio das crises geradas pelo mesmo, entre elas as sociais, econômicas, ambientais e políticas.

Infelizmente, na marcha de abertura já foi possível notar a falta da presença de vários movimentos e organizações sociais fortemente combativos e de resistência ao capitalismo, bem como resistentes e contrários a várias medidas do governo PT, que não nos vem representando como uma verdadeira opção de uma política de esquerda e anticapitalista. As bandeiras mais presentes eram as sindicais. Estavam presentes também milhares de pessoas que defendem e lutam por várias ou infelizmente por apenas uma causa dentre as várias justas e necessárias, entre elas a da defesa dos direitos dos povos indígenas e das mulheres, contra o racismo, contra os manicômios, contra a privatização da educação, contra Cunha e em defesa da democracia e da Petrobrás. No show da abertura, após a marcha, ficou nítido qual seria a principal narrativa do Fórum: Não ao Golpe, Fica Dilma!

Foi gratificante poder ter participado dos seminários, debates, mesas de convergências e ter estado em contato com várias referências diante das discussões sobre as temáticas abordadas. No entanto, penso que faltou em algumas das atividades que participei uma análise mais aprofundada e crítica sobre a conjuntura política atual e também uma autocrítica aos movimentos e governos ditos de “esquerda”, para uma possível superação dos vários desafios que estão presentes diante dos indiscutíveis retrocessos e na busca efetiva de políticas anticapitalistas para um mundo melhor, mais justo, fraterno, igualitário, democrático, humano e ecológico.

Do FSM, destaco as atividades organizadas pelo Fórum Mundial da Educação (FME), por meio de rodas de conversas e seminários de cunho democrático e participativo, buscando uma educação pública de qualidade, transformadora e popular. Como também as falas de algumas referências presentes, que fizeram a diferença no evento para a procura por alternativas e ações concretas. Entre elas as do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, dos professores Gaudêncio Frigotto, Moacir Gadotti, Paul Singer, do cubano Alfredo Peres Alemany e Oded Grajew, da rede

Nossa São Paulo.

Boaventura de Souza Santos mencionou diversas contribuições do FSM, mas enfatizou que o mesmo precisa ter um poder mais combativo e decisivo em respeito às políticas governamentais, para não correr o risco de ser apenas uma assembleia ou encontro de movimentos sociais. A ausência de poderes que podem influenciar nas decisões governamentais vem resultando no esvaziamento de vários movimentos e militantes no Fórum. Frente a esta situação, Boaventura declarou que o fórum tem que se reinventar. Declarou também que é preciso admitir e aprender com erros da esquerda para buscar superá-los para não serem cometidos novamente, e também a necessidade da união das lutas de esquerdas frente a uma real fragmentação de lutas e movimentos. Oded Grajew preconizou que o mundo está em crise, mas a esquerda e o fórum também estão, pediu o reconhecimento da crise da esquerda e do fórum por meio da autocrítica e da reflexão para buscar a superação.

Foi em uma atividade fora do FSM, organizada pela Fundação Lauro Campos, que tive a oportunidade de presenciar um diagnóstico e uma análise mais profunda e complexa da conjuntura política atual da América Latina e do Brasil. Nela estavam presentes militantes e representantes de movimentos e organizações sociais da Argentina, Brasil, Peru e Venezuela, que ofereceram um diagnóstico com mais exatidão da situação e dos desafios da América Latina e do Brasil. Entre os participantes presentes, destaco algumas das contribuições de Vladimir Safatle (professor e filósofo da USP), que apontou que vivenciamos uma crise de representatividade, onde o governo atual não nos representa com políticas de esquerda, e também que muito dos movimentos e militantes ditos de esquerda não conseguem fazer uma autocrítica e estão movidos por um medo de uma onda conservadora disseminada por muitos. Safatle coloca em questão a dita onda conservadora de direita e nos esclarece que onde há uma direita que cresce, há uma esquerda que fracassou, menciona que o medo não pode ser afeto político e que o conservadorismo já se encontra presente no governo atual.

Creio que fica o desafio de repensarmos o FSM, os movimentos e lutas de esquerda por meio de uma autocrítica reflexiva e de uma análise crítica do contexto, para não repetirmos discursos superficiais e cairmos em uma hipocrisia diante da realidade atual. Est posta a necessidade de lutarmos pela superação dos desafios que estão presentes na luta contra o capitalismo e as diversas injustiças sociais e políticas que impossibilitam um mundo justo, igualitário, fraterno, humano e ecológico!



CURTAS

ADITAMENTOS DOS CONTRATOS FIES

Os alunos que possuem o FIES devem fazer os aditamentos dos contratos ativos até o dia 31 de março, na Divisão de Administração Financeira (DAF), localizada na sala 106 do bloco A, no Campus I da FURB. O horário de atendimento do setor é das 8h às 20h de segunda a sexta-feira, sem intervalos para almoço, também não é necessário agendar hora. O acadêmico que trocou de curso ou precisa dilatar o financiamento ou mesmo suspender o FIES em 2016/1, também tem o compromisso de passar na DAF e regularizar a situação para não ter a perda do FIES ou problemas futuros. Para fazer o aditamento do contrato, o acadêmico deve apresentar: o número de CPF, a senha de acesso ao FIES e o celular cadastrado no SIS-FIES. Para mais informações, ligue para o DAF: 3321-0316/ 3321-0317/ 3321-0452. O FIES foi criado em 1999, durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Beneficia hoje cerca de 1,9 milhão de pessoas.

EM ABRIL COMEÇA O CENSO CADASTRAL PREVIDENCIÁRIO EM BLUMENAU

O Decreto Municipal que deverá ser publicado agora em março dará a partir de 30 dias de sua publicação o Censo Cadastral Previdenciário dos servidores públicos titulares de cargo efetivo ativos, aposentados, pensionistas e dependentes do Regime Próprio de Previdência Social - RPPS do Município de Blumenau. O atendimento por meio de agendamento será realizado na Vila Germânica das 8h00 às 17h30 nos dias da semana. O comparecimento pessoal é obrigatório e para os segurados que residam fora de Blumenau ou fora do Brasil os procedimentos serão específicos nesses casos. A relação da documentação a ser apresentada inclui Certidão de nascimento quando solteiro, Certidão de Casamento quando casado, separado ou divorciado, Declaração de União Estável feita perante tabelião ou declaração de união estável conforme modelo fornecido no site www.blumenau.sc.gov.br, quando companheiro(a) (atualizada dos últimos 03 meses); O SINSEPEP alerta que o requisito da atualização dos documentos citados em cartório de registro, quando originários de outros estados ou no exterior, poderá causar atrasos na juntada completa para o cadastramento. Em Blumenau os cartórios darão atendimento prioritário aos segurados. O não comparecimento ou realização cadastral implicará no bloqueio do pagamento de sua remuneração ou proventos de aposentadoria ou pensão a partir do mês imediatamente posterior à conclusão do Censo.



FOTO: ARQUIVO

CINE SESC DE MARÇO HOMENAGEIA CINEASTA JAPONÊS AKIRA KUROSAWA COM MOSTRA ESPECIAL

Um dos cineastas mais importantes do Japão, Akira Kurosawa, será lembrado em mostra especial no mês de março na FURB. A iniciativa do Cine SESC vai lembrar as principais contribuições do japonês para a sétima arte e como seus filmes influenciaram uma grande geração de diretores do mundo todo. A mostra abre dia 14 de março, com a Fortaleza Escondida. Sempre em dois horários, às 12h30 e às 19h, no Campus 1 - Bloco H - Espaço de cinema e Vídeo. Veja a programação completa no quadro abaixo. As sessões são gratuitas e abertas ao público. Informações: Divisão de Cultura FURB Campus I - Sala L-107 (47) 3321.0937 / 3321.0399 cultura@furb.br [facebook.com/CulturaFURB](https://www.facebook.com/CulturaFURB)

- 14/03 - CineSesc Apresenta - Mostra Akira Kurosawa - "A Fortaleza Escondida (Kakushi Toride No San-Akunin)"
- 15/03 - CineSesc Apresenta - Mostra Akira Kurosawa - "Rashomon"
- 16/03 - CineSesc Apresenta - Mostra Akira Kurosawa - "Trono Manchado de Sangue (Kumonosu Jô)"
- 17/03 - CineSesc Apresenta - Mostra Akira Kurosawa - "Yojimbo & Sanjuro"
- 18/03 - CineSesc Apresenta - Mostra Akira Kurosawa - "Os Sete Samurais"

IV Seminário Internacional Mundos do Trabalho VIII Jornada Nacional de História do Trabalho

22 a 25 de Novembro de 2016
Manaus - Amazonas - Brasil



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUNDOS DO TRABALHO COM CHAMADA DE TRABALHOS ABERTA

Os membros do Grupo de Trabalho "Mundos do Trabalho", da Associação Nacional de História - ANPUH, têm o prazer de convidar todos os pesquisadores interessados em submeter propostas de apresentações de trabalhos originais, fundamentados em pesquisas empíricas, debates teóricos e metodológicos e balanços da produção acadêmica que possibilitem o diálogo com estudiosos preocupados com temas semelhantes para seu IV Seminário Internacional Mundos do Trabalho, promovido em conjunto com a VIII Jornada Nacional de História de Trabalho. O evento será realizado entre os dias 22 e 25 de novembro de 2016, nas dependências da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na cidade de Manaus, Brasil. O GT Mundos do Trabalho, grupo de trabalho nacional da ANPUH, tem tido papel fundamental na divulgação e intercâmbio da crescente produção do campo da história social do trabalho no Brasil. Desde sua criação, em 2001, o GT vem promovendo simpósios temáticos no interior de todos os encontros nacionais da ANPUH, e jornadas envolvendo pesquisadores ligados ao tema em anos alternados. Em 2010, em conjunto com a V Jornada Nacional de História do Trabalho, a ANPUH ampliou o escopo do evento, organizando o I Seminário Internacional Mundos do Trabalho, no campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis. Em 2012, a entidade fez a VI Jornada Nacional de História do Trabalho e o II Seminário Internacional Mundos do Trabalho no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), na cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2014, nas dependências da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Salvador, realizou-se o III Seminário Internacional Mundos do Trabalho em conjunto com a VII Jornada Nacional de História do Trabalho.

MOBILIZAÇÃO GARANTE PERMANÊNCIA DE BOLSAS PIBID

Estudantes da FURB reuniram mais de 4 mil assinaturas em apoio à causa e conquistaram a vitória no Senado, em Brasília

Os 247 alunos da FURB que corriam o risco de terem suas bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) cortadas comemoram a vitória obtida através de pressão popular. A decisão de voltar atrás no corte foi tomada graças à mobilização de entidades estudantis de todo o país, que também contou com a forte ação de estudantes da FURB. Em audiência no Senado, o Governo Federal suspendeu medida que atingiria o PIBID, ocasionando corte de 50% dos mais de 84 mil bolsistas no Brasil.

Estudantes bolsistas do PIBID da FURB, juntos aos de todo o Brasil, organizaram uma comissão que obteve 100 mil assinaturas e 800 cartas de apoio. Dos 4.635 bolsistas de Santa Catarina, 494 são da Universidade Regional de Blumenau. Se a reestruturação do Programa acontecesse, 38% dos bolsistas da FURB seriam cortados, um número próximo a 187 iniciantes à docência. “Nós contribuimos com 4 mil assinaturas e estamos muito felizes com a mobilização que, não aceitando esta decisão unilateral, teve resultado positivo da união e do trabalho coletivo, em um exercício de cidadania, luta e democracia. Estou muito orgulhosa da FURB”, afirma Gicele Maria Cervi, vice-presidente do Fórum de Coordenadores Institucionais do PIBID.

O documento, enviado pela CAPES aos coordenadores do PIBID, no dia de 18 de fevereiro, anunciava o desligamento dos bolsistas que completassem 24 meses a partir do mês de março de 2016, sem possibilidade de serem substituídos. A decisão causaria o corte de aproximadamente 45 mil bolsistas por todo o Brasil, e ainda ameaçava a extinção do Programa. O PIBID é uma iniciativa da CAPES, que concede bolsas de R\$ 400 aos alunos de licenciatura para participarem de projetos em escolas de educação básica, auxiliando na iniciação à docência.

A audiência pública, que ocorreu no Senado em 24 de feverei-

ro, em Brasília (DF), foi mediada pela Senadora Fátima Bezerra (PT/RN) e contou com a participação de oito caravanas de vários estados, sendo necessário abrir mais de quatro plenários e ainda assim muitos alunos ficaram no lado de fora. Segundo Josué de Souza, professor de Sociologia da FURB, a movimentação não é de surpreender, apesar de ser memorável. “A controvérsia existente no momento é o fato de que a ameaça de corte abriu uma janela de oportunidades de externarmos para a sociedade, sobretudo para a esfera política a revolução silenciosa que o Programa vem realizando na educação brasileira. O PIBID é a

efetivação de um modelo de educação que acredita e promove um constante diálogo entre educação básica e universidade, onde os atores envolvidos dialogam no mesmo nível, construindo e reconstruindo as identidades e territórios. Por isso que ele tem que continuar. O memorável na luta dos últimos dias é que nos propiciou uma aula de cidadania, saímos dos muros das escolas e da universidade e ocupamos outros espaços”, conta José.

De acordo com o Informe do Fórum de Coordenadores do PIBID, o FORPIBID, além de suspender o corte, o movimento conseguiu a instalação de uma Comissão composta por parlamentares, reitores, MEC, CAPES e FORPIBID para definir novas condições de funcionamento do Programa, com primeiro encontro realizado no dia 1 de março.

“A mobilização tem unido muitas pessoas de diferentes lugares e em todas as partes do país em torno de uma luta, a permanência do PIBID, a qualidade da educação pública

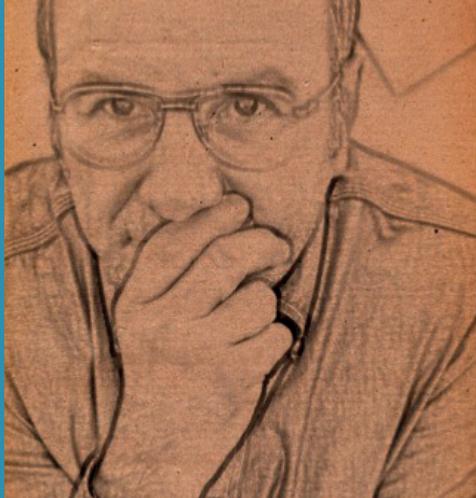
e da formação de professores. Tem possibilitado que muitos jovens lutem por uma causa e por seus direitos. Estamos aprendendo que um educador luta contra autoritarismos, que não cala diante das injustiças. Estamos aprendendo que #juntossomosmaisfortes”, conclui Gicele.

“

A mobilização tem unido muitas pessoas de diferentes lugares e em todas as partes do país em torno de uma luta, a permanência do PIBID, a qualidade da educação pública e da formação de professores. Tem possibilitado que muitos jovens lutem por uma causa e por seus direitos.

FOTO: AGÊNCIA SENADO





LADO B

A FURB E A CRISE DO TRANSPORTE COLETIVO

A questão da crise do Transporte Coletivo em Blumenau é extremamente importante para o desenvolvimento acadêmico da FURB. Por um lado, afeta a maior parte dos estudantes e dos servidores da universidade; por outro, o transporte constitui uma questão que perpassa um amplo espectro de atividades acadêmicas. Por isso, a FURB tem a obrigação moral de defender os usuários e trabalhadores; mas também, o compromisso institucional de engajar sua expertise técnica na busca de soluções. Afinal, o Estudante-Trabalhador que é predominante na FURB, mora num local, trabalha em outro e estuda em outro.

A crise do Transporte Coletivo é bastante conhecida e tem repercutido muito junto a opinião pública e nas redes sociais. Constitui o efeito combinado de dois fenômenos relacionados: a) a crescente tendência de valorização do transporte individual em detrimento do transporte coletivo provocada pela cultura do automóvel; b) a falta de planejamento e investimentos por parte do setor público nas últimas décadas. A relação entre o desinteresse e a precarização provocou a deterioração progressiva, que associada as constantes paralizações, culminaram com a Declaração de Caducidade em janeiro de 2016.

É claro que a intervenção intempestiva efetuada pelo Prefeito Napoleão Bernardes no Consórcio SIGA acabou agravando o problema da mobilidade urbana em Blumenau. O SIGA foi a forma que as empresas locais encontraram para enfrentar a concentração do mercado de transporte urbano no Brasil. Assim, por um lado, a intervenção deixou a população sem transporte coletivo; por outro, enfraqueceu o capital local e forneceu um serviço improvisado. O efeito combinado dessa decisão foi o aumento da utilização do transporte individual e, conseqüentemente, a sobrecarga do sistema viário.

A história do Transporte Coletivo em Blumenau acompanha o processo de urbanização da cidade. Os 102 anos que ligam a Linha Itoupava Seca – Blumenau em 1914 a Piracicabana em 2016 podem ser divididos em seis etapas: a) Fase Pioneira (1914-1930): implantação do serviço; b) Fase de consolidação: surgimento de pequenas empresas (1931-1950); c) Fase de Expansão (1951-1970): motorização do transporte; d) Fase de concentração (1971-1990): criação do SETERB; e) Fase de Integração (1991-2016): institucionalização de política. Este processo caracteriza-se pela motorização do transporte pelo carro e pelo ônibus.

As ambivalências desse processo indicam que a medida que a cidade cresce, o serviço se complexifica. Por isso, o Transporte Público traduz os conflitos que caracterizam as transformações socioeconômicas do espaço urbano que expande constantemente a área urbanizada. Assim, por um lado, o serviço de transporte público sempre foi privado e vai se monopolizando; por outro, aumentam as reivindicações sobre a precariedade dos serviços e presença do poder público. A relação entre a FURB e a crise do transporte indica que a mobilidade e acessibilidade não devem ser reduzidas a questão do trânsito.

Por isso, a crise do transporte coletivo não é apenas uma questão

técnica, mas também um problema social. É preciso considerar as condições sociais e culturais no qual os deslocamentos se estabelecem. Não existem soluções prontas e para entender este processo é preciso considerar várias dimensões como, por exemplo: a) Transporte urbano: as condições técnicas de viagem; b) Estrutura urbana: a organização de atividades na cidade; c) Sociabilidade urbana: práticas sociais na cidade; d) Paisagem urbana: a qualidade dos espaços; e) Políticas urbanas: bem como medidas governamentais implantadas.

Portanto, discutir acessibilidade da FURB pressupõe a consideração de como os grupos sociais se apropriam e usam a cidade. A medida que

aumentam o número de esferas de atividade (com a dupla ocupação, lazer e passatempos), verifica-se uma fragmentação dos espaços. O transporte produz a cidade espacialmente e socialmente na medida em que ocupa um tempo importante nas atividades cotidianas dos indivíduos e influencia o desenvolvimento urbano da cidade. Isto significa que a qualidade das atividades acadêmicas depende muito da capacidade de programar a mobilidade e da acessibilidade a FURB.

Nesse sentido, a acessibilidade a FURB permanece muito precária. A dificuldade dos estudantes de outras cidades ou de bairros mais distantes de chegar a FURB, afeta a rotina acadêmica na medida em que as aulas começam sempre mais tarde e terminam mais cedo; mas também o acesso aos pontos de ônibus, as faixas de pedestres e a própria priorização dos estacionamentos internos e externos. Esse problema tende a se agravar devido ao aumento de prédios na região. Dito de outra forma, o estudante e o servidor da FURB são estimulados a não utilizar o transporte em comum ou alternativo.

Isto significa que é preciso abrir a agenda da FURB para a questão da mobilidade urbana. Questões como: a) desenvolvimento de um APP que permitisse via GPS identificar a localização do ônibus no itinerário; b) um projeto de criação de cinco grandes estacionamentos nos pontos de entrada da cidade para diminuir o fluxo de automóveis; d) aplicação de um Índice de Mobilidade Urbana para subsidiar o processo de tomada de decisões, etc. A mobilidade urbana depende do

melhoramento da associação de diversos modos de transportes. Ou seja, difundir o debate sobre a multimodalidade do transporte.

Lotações, engarrafamentos, poluição, acidentes... É estranho, mas a medida que aumenta a nossa capacidade de transporte, diminui a mobilidade urbana. Na verdade o que está em crise no Transporte Coletivo em Blumenau é uma forma de vivenciar a cidade. Por isso, a crise do Transporte Coletivo em Blumenau deve ser considerada a partir da dinâmica das rotinas cotidianas. Nesse sentido, as transformações no Mundo do Trabalho e a precarização do emprego intensificaram os deslocamentos pelo afastamento progressivo dos locais de moradia, dos locais de trabalho e dos locais de estudo.

Os deslocamentos urbanos são fundamentais para FURB. Por isso, não podemos esquecer que uma das causas da perda de centralidade regional da FURB é a dificuldade de acesso dos estudantes das cidades vizinhas. Assegurar condições de transporte adequadas é garantir acesso a universidade. Não existe pesquisa, extensão e ensino de qualidade sem boas condições de transporte. O desenvolvimento institucional da FURB está associado as condições de transporte e acesso dos estudantes. Portanto, melhorar a mobilidade urbana de Blumenau constitui melhorar a acessibilidade da FURB.

“

Os deslocamentos urbanos são fundamentais para a FURB. Por isso, não podemos esquecer que uma das causas da perda de centralidade regional da FURB é a dificuldade de acesso dos estudantes das cidades vizinhas. Assegurar condições de transporte adequadas é garantir acesso à universidade. Não existe pesquisa, extensão e ensino de qualidade sem boas condições de transporte.